

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: 37

Data: 04/07/83 Pg.: _____

Caiabis queriam cabeças de 2 coronéis para ritual

Brasília — Leonardo José Vieira, piloto do avião Cessna 182 detido pelos índios Caiabis desde o dia 2 de junho, no Xingu; o Coronel Ivan Zanoni, assessor de estudos e pesquisa da Funai; Coronel Roberto Guarani, diretor de operações da Funai; e o sertanista Cláudio Villas-Boas, que no dia 15 de junho foi à aldeia caiabi tentar liberar o avião — quase serviram de matéria-prima para a tradicional Javaci (Festa da Cabeça), dos caiabis, onde, por um ou dois meses, os tamaiats (guerreiros) todas as manhãs dançam e cantam, pintados de vermelho, com a cabeça descarnada de um branco passando de mão em mão, regada a caxiri (aguardente de mandioca), até que ela fique seca.

A revelação é de Roberto Correia Leal, proprietário do Cessna apreendido, e confirmada pelo índio caiabi Paié e pelo Cacique Caiapó Raoni Mekranoti, também morador do Xingu. A festa da cabeça não é realizada entre os caiabis desde 1973 e, segundo o índio Paié, os tomaiats da sua aldeia querem realizá-la este ano. O alvo, explicou, eram as cabeças dos Coronéis Zanini e Guarani, mas o piloto Leonardo Vieira, ao descer desavisado no campo de pouso de Diauraum, próximo da aldeia Caiabi, e o próprio Cláudio Villas-Boas, que viveu 30 anos entre eles, quase têm suas cabeças cortadas.

Curiosidade

Mineiro de Belo Horizonte, Leonardo Vieira, o piloto do Cessna apreendido, nunca vira índios fora das telas de cinema, disse ele a Roberto Leal, proprietário do avião. Até que no dia 2 de junho, quando voava a baixa altitude sobre as localidades de São Miguel do Araguaia, em Goiás, e Peixoto de Azevedo, em Mato Grosso, avistou dezenas de índios pintados de preto e vermelho (as cores da guerra e do ódio), acenando para o oarua-té (canoa do ar).

Desceu, pensando que fosse uma festa, declarou Leonardo posteriormente à Funai. Liderados por Maraue, chefe do posto da Funai local, os índios explicaram ao piloto que há bastante tempo aguardavam um avião da Funai para pegar um doente. Ao saber que ele não trabalhava na Fundação, retiraram sua roupa e toda a carga do avião, levando-os para o centro da aldeia. Roberto Leal contou que, nesse momento, a cabeça do piloto foi cogitada para a Javaci, mas não lhe fizeram qualquer violência naquela madrugada, atendendo ao alarme de Maraue.

Hugo Studart

A gente queria que Guarani fosse para o posto resolver muitos problemas dos índios — conta em Brasília Paié Caiabi. Mas o boato que corria era de que a cabeça do Guarani estava a prêmio — completava Roberto Leal. Então o Comandante Pova (chefe dos pilotos da Funai) tentou aplicar um golpe, dizendo aos Caiabis que o avião da Funai estava sem combustível, mandando-os colocar o índio doente no avião do Leonardo — explica Roberto Leal. Mas se nós colocasse o doente no avião, onde fica moral do índio? — argumenta Paié.

“Funai não gosta de índio”

— Por que você veio sozinho aqui para ouvir a gente, Cláudio? Por que o Guarani não vem aqui?

A indagação é do Cacique Siraue, dos Caiabis, feita a Cláudio Villas-Boas no último dia 15, quando passou quatro horas na aldeia tentando liberar o Cessna. A conversa de Villas-Boas com os Caiabis está registrada em uma fita K-7, parte em português e parte em Tupi-Caiabi, que o índio Paié levou a Brasília para divulgar a versão dos seus toiamats sobre o seqüestro do avião.

— Cláudio, fica quieto — ameaçou outro Cacique caiabi, Cuiuci Suia, conforme registrou a fita. — Você tá pensando que a Funai tá trabalhando bem com nós? Funai não gosta de índio. Vê isso, Cláudio — disse já chorando Cuiuci. — Índio tá sofrendo muito na mão da Funai. Você vai me ajudar? Então fala com o presidente (Coronel Paulo Leal) e manda o Valdemar (Valdemar Ferreira, chefe do Serviço Médico da Funai) embora. Enquanto a Funai não ajudar os índios, avião vai ficar aqui.

— O senhor ensinou a gente a se defender. Agora a gente está fazendo essas coisas ruins porque a gente tá acabando e cada vez mais perdendo a terra. A gente vai acabar mesmo, então pegamos o avião para nos defender — disse Paié a Villas-Boas e registrou a fita.

— Tem fazenda dentro da terra de vocês? — perguntou o sertanista.

— Fazenda Santa-Rita. Fica na BR-080, a 40 quilômetros do rio Xingu. Já fomos à Funai, mas até agora ela não tirou a fazenda — acrescentou Paié.

Lagoa Sagrada

A revolta dos Caiabis contra a Funai, especialmente contra os Coronéis Zanoni e Guarani, aumentou quando Zanoni chegou ao Xingu, no dia 2 de junho, tentando conseguir a permissão de alguns caciques para que a equipe do oceanógrafo francês Jacques Cousteau explorasse uma lagoa sagrada, contou Paié. Roberto Leal acrescentou que o Cacique Tacuman, dos Valapalos, exigiu em troca armas, munição, trator, caminhão e cobertores, totalizando o valor de Cr\$ 100 milhões, mas a Funai não aceitou e Cousteau desistiu.

Depois de inúmeras tentativas pelo rádio de liberar o avião, a Funai pediu ajuda a Cláudio Villas-Boas, que encontrou os Caiabis furiosos e bastante agressivos com ele. “Em toda a minha vida nunca vi gente com tanto ódio”, revelou Villas-Boas em seu relatório à Funai. “Se você não fosse uma pessoa que a gente conhece, ia tirar a sua cabeça para fazer festa”, teria dito um guerreiro a Cláudio, segundo contou Paié. “Nos só não tiramos porque ele sofreu muito com a gente e é o pai-Cláudio”, disse Paié.

— Mas agora não vão cortar mais a cabeça de ninguém não porque a raiva já passou. Agora só querem conversar calmamente para resolver os problemas dos índios — disse em Brasília Paié Caiabi.